



RELATÓRIO ESPECIAL

# A contribuição chinesa para a remodelação do modelo econômico latino-americano

Madrid, março 2016

**d+i** desenvolvendo  
ideias  
LLORENTE & CUENCA

## I. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO
2. CHINA E O SEU PODERIO NO ATUAL CONTEXTO INTERNACIONAL
3. O QUE SE PASSA COM A CHINA?
4. DO DESLOCAMENTO DA RIQUEZA MUNDIAL AO DESLOCAMENTO DA ECONOMIA MUNDIAL II
5. DIVERSIFICAÇÃO, CONHECIMENTO E INTEGRAÇÃO: CHAVES PARA A RELAÇÃO AMÉRICA LATINA/ CHINA
6. QUE PAPEL TEM A CHINA NA TRANSFORMAÇÃO DO MODELO PRODUTIVO?

O objetivo deste relatório é apresentar diferentes aspetos da relação China/América Latina. Um destes é demonstrar a importância da mesma e a sua evolução em apenas 15 anos. Outro é que tudo indica que esta relação será longa no tempo e que nenhum dos dois agentes pretende renunciar à mesma, nem nos momentos mais difíceis, como o atual.

O objetivo deste relatório é apresentar diferentes aspectos da relação China/América Latina. Um destes é demonstrar sua importância e sua evolução em apenas 15 anos. Outro é que tudo indica que esta relação será longa no tempo e que nenhum dos dois agentes pretende renunciar a ela, nem nos momentos mais difíceis, como o atual.

Ambos os aspectos, por sua vez, estão relacionados com o “deslocamento do centro de gravidade mundial” das economias desenvolvidas para as emergentes, entre as quais se destaca a China. Alguns analistas negam que a China vá ser a única potência mundial. Outros ainda duvidam do poderio chinês e não deixam de considerá-lo como passageiro. A região latino-americana, contudo, parece conhecer muito bem, pelo menos, os benefícios que implica ter a China como parceiro, tanto pelo seu imenso mercado e volume de procura, como pelas possibilidades de investimento que oferece. Além disso, também não considera que esta relação seja temporária, mas sim o contrário, pois na região entende-se que seria um parceiro a longo prazo. Isto é demonstrado pelo fato de seu crescimento, nestes anos, se dever principalmente ao intercâmbio comercial com esta grande potência, mas agora, em tempos de crise, quer continuar a contar com o gigante oriental, pois considera que a cooperação e relação comercial e financeira com a China é transcendental para superar a situação atual.

A história das relações com a China é recente, mas realmente intensa. Desde 2003 até à atualidade, ocorreu um período de expansão e crescimento comercial espetacular, que proporcionou extraordinárias receitas à região latino-americana, com outra cadência pela crise econômica, em boa parte devido ao declínio neste intercâmbio comercial, gerando uma importante desaceleração no ritmo de crescimento latino-americano.

**“China é a única  
potência capaz e  
interessada em  
cooperar”**

A análise destas relações permite revelar os problemas de um modelo de desenvolvimento econômico assente na região, desde o século XIX, baseado na exportação de matérias-primas, que, embora lhe tenha proporcionado grandes benefícios, em diferentes épocas, tem importantes limitações. E foi com esta base que se desenvolveram as relações com a China.

No momento em que baixam os preços das matérias-primas, pela situação internacional e, mais recentemente, pela conjuntura chinesa, é quando novamente se destacam os problemas estruturais de economias pouco diversificadas, cujos produtos de exportação carecem de valor agregado e têm pouca produção industrial local.

Neste momento, todos estes problemas são mais evidentes do que nunca e as principais propostas desenvolvidas para superar este modelo econômico baseiam-se na diversificação econômica, através do investimento em tecnologia e conhecimento, infraestruturas, logística e serviços com valor agregado, conseguindo uma economia circular, não meramente extrativa.

Para esta nova fase, além das necessárias reformas estruturais para criar um modelo mais competitivo, deve-se contar com a cooperação chinesa que, por seu lado, manifestou seu compromisso para contribuir para a transformação deste modelo econômico. Agora, além da retórica, deve-se ver se os projetos de cooperação assinados entre a China e os países da região, e com a CELAC, são colocados em prática. Para tal, existem muitas expectativas em redor da China, porque neste momento não é possível esquecer que é a única potência capaz e interessada em fazer isso, mas, sem dúvida, a principal responsabilidade associada será dos latino-americanos.

“O aumento da importância econômica do Sul nem tenha uma vida breve nem seja reversível”

## 2. A CHINA E O SEU PODERIO NO ATUAL CONTEXTO INTERNACIONAL

Qualquer aproximação à China proporciona de imediato dimensões extraordinárias. Contudo, se observarmos seus dados econômicos em relação ao resto do mundo, talvez possamos ter mais uma ideia da importância que tem atualmente a economia da China, por si própria e, sobretudo, para o resto da economia mundial.

O peso mundial do gigante asiático remete para uma nova configuração internacional, onde se deve destacar a “ascensão do Sul”<sup>1</sup>. Nos últimos anos, ocorreram importantes mudanças que modificaram o panorama econômico global, invertendo-se a ordem existente tradicional. Tanto é assim que, neste novo contexto, as taxas de crescimento do Sul são bastante mais elevadas do que as do Norte (os conhecidos até agora como países desenvolvidos). Contudo, as mudanças não são unicamente de caráter quantitativo, pois também ocorreram mudanças estruturais. Daí que tudo indique que a presença do Sul ou dos países emergentes vá ser meramente conjuntural. Neste momento, não parece que possa ocorrer uma mera volta ao passado, embora haja mudanças. Embora recente-

mente, as economias emergentes marcaram as tendências econômicas globais e no centro de todos estes processos está a China.

Deve-se insistir no novo contexto econômico internacional e na sua permanência, já que este processo permite entender a centralidade que ocupa a China e o interesse da América Latina em ter um parceiro como este, não apenas a curto, mas também a médio e longo prazo.

Os números realmente surpreendem. O aumento da importância econômica do Sul talvez tenha vindo para ficar: é provável que nem tenha uma vida breve nem seja reversível. Apesar de as previsões econômicas de longo prazo serem muito incertas, as atuais projeções indicam que o Sul continuará a ganhar importância na economia mundial. De acordo com os “Horizontes do desenvolvimento mundial 2013”, do Banco Mundial, a participação do Sul no PIB global chegará a 55%, até 2025. Um relatório de 2012 do U.S. National Intelligence Council prevê que esta cota chegue a 70% até 2030. O Banco Asiático de Desenvolvimento calcula que a percentagem das exportações do Sul aumentará até 64% das exportações globais até 2030<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> As principais economias do Sul seriam, além da China, Brasil, Rússia, Índia e África do Sul.

<sup>2</sup> *América Latina e a ascensão do Sul. Novas prioridades num mundo cambiante*, Grupo Banco Mundial, 2015, <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/21869>, p. 3.

**“Se teme que uma possível crise da China arraste o resto da economia mundial”**

A China, que ostenta a liderança destas economias emergentes, expressa muito bem a evolução destes países. Desde 1978, quando o país começou suas reformas de liberalização econômica, sua economia vem crescendo ininterruptamente a uma média de 10%. De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em 2015, a economia chinesa foi a maior do mundo, medida em paridade do poder aquisitivo. Por si só, supera as da Alemanha, França e Itália juntas.

Os dados do seu volume comercial também nos proporcionam uma ideia da grandeza da sua economia, já que este atingiu valores espetaculares, baseados na exportação de manufaturas a baixo custo e na importação de todo tipo de produtos energéticos, minerais e bens de equipamento necessários para o desenvolvimento industrial, assim como alimentos e bens de consumo para abastecer o aumento da procura interna.

Com este padrão de intercâmbio, em 2013, converteu-se no primeiro país em intercâmbio de mercadorias. Este lugar foi conseguido em tempo recorde, já que a China aumentou sua cota sobre as exportações mundiais de 3,6%, em 2000, até 12,4%, em 2014, tendo multiplicado as vendas para o exterior 9,4 vezes nesse período. Por sua vez, as importações aumentaram de 3,3%, em 2000, até 10,3%, em 2014, e multiplicaram-se por 8,7 vezes.

Contudo, apesar destes anos de crescimento espetaculares, desde 2012 que os dados de crescimento sofreram uma diminuição que preocupa muitas zonas do planeta. Tanto que, de forma generalizada, se teme que uma possível crise da China arraste o resto da economia mundial. Contudo, não podemos esquecer quais continuam sendo os níveis de crescimento, apesar da desaceleração econômica chinesa. Da média dos 10,5% sustentados entre 2001 e 2010, em 2014 este índice desceu até 7,4%. A previsão para este ano é uma queda até 7% que oscilará entre 6% e 7% durante o resto da presente década.

Sem dúvida que existe uma mudança significativa no ritmo de crescimento, mas não deixam de ser índices nada desprezíveis, se comparados com o crescimento praticamente nulo dos países desenvolvidos, desde 2011. O país que mostrou recentemente maior dinamismo e superou o resto dos países desenvolvidos foram os Estados Unidos, mas seu crescimento médio em 2014 foi de 2,4%, muito abaixo dos índices chineses.

De acordo com estes dados, parece que o debate sobre se a China será ou não o grande hegemônico que acabará substituindo os Estados Unidos perde certo sentido. Esta é uma discussão muito desenvolvida e eterna que apenas a realidade acabará por revelar. Certamente que não parece que o poder internacional vá concentrar-se num único polo de poder. Há

**“China é a escolhida  
como parceiro  
preferencial”**

alguns anos que nos encontramos num mundo multipolar, certamente imperfeito, mas sem dúvida o futuro está naqueles, e não naquele, que estabelecerão as regras econômicas, políticas e militares no mundo. Entretanto, o que é evidente é que ninguém pode prescindir da China e, com bom critério, a América Latina não tem nenhuma dúvida a este respeito. O poderio chinês e as compatibilidades entre ambas as regiões alimentam um interesse mútuo. Se a isso somarmos a situação econômica dos países do Norte e o espaço deixado, por estes, na região<sup>3</sup>: A China é a escolhida como parceiro preferencial.

### 3. O QUE SE PASSA COM A CHINA?

Se, de fato, as economias latino-americanas puderam desfrutar de uma década de crescimento inédito, foi, em boa medida, graças à procura por matérias-primas do mercado chinês. Sua insaciável procura por este tipo de produtos foi determinada pelo modelo de desenvolvimento industrial que, até há pouco tempo, caracterizou este país oriental, até 2012, quando iniciou uma mudança nesse modelo ao considerar-se que aquele que tinha não era sustentável.

Esta reestruturação do modelo econômico do gigante asiático significou abandonar um tipo

de desenvolvimento, até agora intensivo, baseado numa indústria manufatureira, de produtos com pouco valor agregado e investimento estatal, o que transformou o país num grande consumidor de matérias-primas, como petróleo, cobre ou ferro. Agora, Pequim pretende que sua economia cresça de forma mais sustentável, com prioridade para o setor de serviços e o consumo de seus cidadãos. Aspecto que necessariamente contraiu a procura por matérias-primas e seus preços .

A situação gerada por esta mudança de modelo econômico foi qualificada de formas muito diferentes. Muitos o denominaram como crise (“freada”, “tropeço”), outros como transformação socioeconômica e as autoridades chinesas como “nova normalidade”. Dependendo de como estiver sendo este momento de mudança na economia chinesa, não é por casualidade que as reações estão sendo diferentes.

Aqueles que consideram que é uma crise por momentos chegaram a mostrar até pânico ao suporem que a economia chinesa arrastaria a economia mundial para o desastre. Ao ponto de o próprio Paul Krugman ter querido passar uma mensagem tranquilizadora. O prêmio Nobel considera que a China representa cerca da quarta parte da fabricação

<sup>3</sup>“O futuro da América Latina... está no Pacífico?: a história de como a China ocupou um espaço deixado ao abandono”, ARI, 58/2015

**“Se realmente a economia chinesa arrastasse o resto do mundo, não haveria um plano B”**

mundial e, portanto, tudo o que ali acontece terá consequências para o resto do mundo. Calcula que uma queda drástica das importações chinesas não paralisaria todo o mercado internacional e que, em relação aos fluxos financeiros, os chineses possuem controles de capital, pelo que, perante a queda das ações ou até os não pagamentos da dívida interior, existiriam poucos efeitos secundários diretos na economia internacional.

Não obstante, seu comentário final é menos tranquilizador, já que Krugman não deixa de admitir que esta não é mais do que sua apreciação e que, portanto, se realmente a economia chinesa arrastasse o resto do mundo, não haveria um plano B<sup>4</sup>. Contudo, além da existência de soluções possíveis, não parece muito saudável que o mundo inteiro dependa da média de crescimento chinesa. Não é bom para a América Latina, nem para o resto do planeta. Por outras palavras, se existe temor é porque existem dúvidas de que a economia chinesa não pode continuar com uma conjuntura econômica desacelerada, depois de fazer isso durante anos.

A visão destas mudanças, através dos índices de crescimento, revela que não são suficientes, já que as mudanças não são

meramente conjunturais, mas sim de caráter estrutural. O objetivo chinês é configurar um modelo de desenvolvimento e, neste sentido, Maurice Obstfeld, economista do FMI, considera que “sua economia está desacelerando em meio à transição de um modelo baseado no investimento e na manufatura para o consumo e o setor de serviços”, o efeito imediato, desta mudança, na economia mundial explica os temores expressados. Contudo, para entender a complexidade deste processo e os efeitos que pode ter a médio e longo prazo no resto do planeta, mais do que entrar em pânico, é preciso usar a análise e a reflexão.

É preciso seguir muito de perto o processo e entendê-lo como um horizonte de novas oportunidades, embora signifique importantes reajustes para os interessados em manter relações com o país. A mudança do modelo de desenvolvimento não fecha o mercado chinês, pois modifica os conteúdos e produtos de intercâmbio. Por isso, abrem-se novas possibilidades de fazer negócios, atrair investimento ou de cooperação com a China. Embora para isso seja iniludível a transformação também das economias interessadas neste intercâmbio. Não parece que pode ser de outra forma, pois já foi iniciada a “nova normalidade”.

<sup>4</sup> Paul Krugman, “Quando a China tropeça”, [http://economia.elpais.com/economia/2016/01/08/atualidad/1452269322\\_879119.html](http://economia.elpais.com/economia/2016/01/08/atualidad/1452269322_879119.html), 9/01/16.

#### 4. DO DESLOCAMENTO DA RIQUEZA MUNDIAL AO DESLOCAMENTO DA ECONOMIA MUNDIAL II:

##### “A NOVA NORMALIDADE” E SUA REPERCUSSÃO PARA OS PAÍSES EXPORTADORES DE MATÉRIAS-PRIMAS

A transição de uma fase para a outra é o que está gerando uma mudança que pretende desembocar na nova normalidade: “mudar o modelo de crescimento, mudar o conceito de desenvolvimento, a maneira como crescemos, e centrar-nos mais na qualidade do que na velocidade”, como declarou Li Yuanchao, vice-presidente, durante uma intervenção no Fórum Econômico Mundial em Davos (Suíça), em janeiro deste ano. De acordo também com suas palavras, abre-se um novo período de “crescimento mais estável” e baseado numa maior diversificação dos setores que o sustentam.

As consequências desta nova fase começam a fazer-se visíveis a partir de 2012, momento a partir do qual os preços dos produtos primários começam a cair e, como consequência, gera-se um efeito praticamente mecânico na drástica diminuição dos trepidantes índices de crescimento dos países exportadores destes produtos, entre os quais os latino-americanos. Aqueles que, durante uma década, e graças a esta procura chinesa, tiveram uma década de crescimento sem precedentes.

O motivo desta mudança baseia-se nas características que apresenta o novo modelo econômico, já que necessariamente muda as prioridades do mercado chinês. A começar pelas exportações de matérias-primas. De fato, o setor secundário tradicional vai continuar a ser importante, mas não central. Aceita-se um menor dinamismo no crescimento e uma maior dependência do consumo interno. Para tanto, é necessária uma mudança estrutural baseada no desenvolvimento de indústrias intensivas em conhecimento e tecnologia. Esta mudança econômica é acompanhada de transformações sociais que se traduzem num processo de envelhecimento demográfico, urbanização e um aumento contínuo dos agregados familiares de classe média.

As palavras do Secretário-geral Xi Jinping expressam esta decisão de transformação, suas características e suas razões: “...devemos ter claro que a nossa economia, apesar de ser muito grande em tamanho, não é forte, e seu crescimento, embora rápido, não é de alta qualidade. Não é sustentável a modalidade de desenvolvimento extensivo resultante do crescimento econômico, impulsionado principalmente pela contribuição de fatores, como os recursos naturais e a expansão da riqueza... o velho caminho é um beco sem saída.

“Onde está o novo caminho? Na inovação científica e tec-



“Devemos implementar a configuração de uma cadeia de inovação em torno da cadeia industrial”

nológica, e na transição para o crescimento impulsionado pelos fatores e a grandeza do investimento ao crescimento impulsionado pela inovação.” “Devemos implementar a configuração de uma cadeia de inovação em torno da cadeia industrial e aperfeiçoar a cadeia de fundos [financiamento] em torno da cadeia de inovação... devemos acelerar a inovação no produto, a marca, a organização industrial e a modalidade comercial”<sup>5</sup>.

Esta transformação estrutural obriga a América Latina não só a enfrentar os problemas a curto e médio prazo, decorrentes da contração da procura por matérias-primas, como também a transformação do seu próprio modelo econômico. Um desafio que tem de ser contemplado como oportunidade.

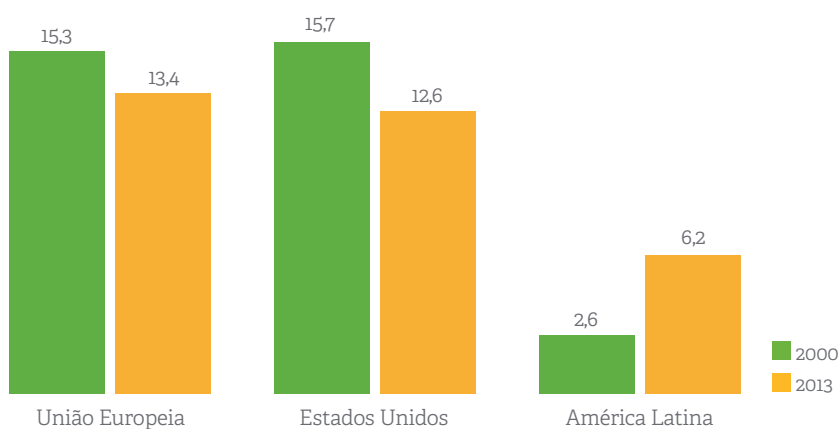
### DA ÉPOCA DOURADA DA PROCURA POR MATÉRIAS-PRIMAS À CRISE ESTRUTURAL

Embora as relações entre a China e América Latina não se tenham iniciado recentemente, na realidade não existia uma tradição de relações entre ambos os agentes. Não obstante, o mais destacável é que só agora ambos se consideram parceiros estratégicos para o seu desenvolvimento econômico ou social.

O processo de crescimento e desenvolvimento chinês é a causa fundamental deste encontro, a insaciável necessidade de matérias-primas exigidas pelo ritmo de crescimento do gigante oriental fez com que a China prestasse atenção à região, considerada como uma reserva de recursos naturais e minerais. A isso acrescenta-se que a região era um mercado ideal para colocar suas manufaturas de baixo custo, pois, em termos gerais, não existia um importante tecido industrial. Assim, a América Latina apresentava-se como um campo fértil para estabelecer relações comerciais que cresceram a uma velocidade vertiginosa. Isto explica as diferenças ao comparar a cota comercial chinesa para a UE, os Estados Unidos e a América Latina, no período 2000-2013 (Figura 1).

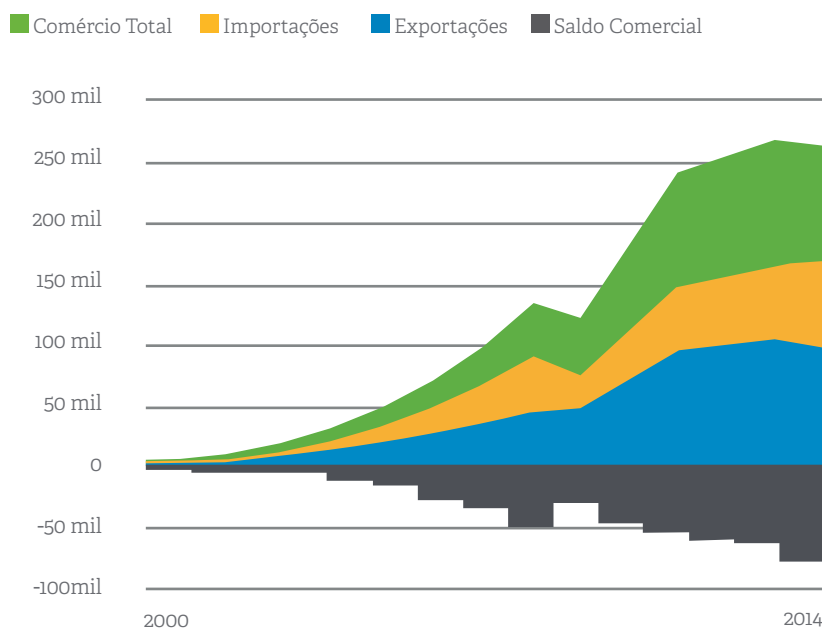
<sup>5</sup> “Transição para o desenvolvimento impulsionado pela inovação”, Fragmentos do discurso pronunciado na XVII Assembleia de Membros da Academia de Ciências da China e a assembleia de membros da Academia de Engenharia da China, em Xi Jinping, a governança e a administração da China, Edições em línguas Estrangeiras Cia. Ltda., Pequim, China, 2014.

Figura 1. Evolução da quota comercial chinesa para UE, EUA e América Latina, 2000-2013



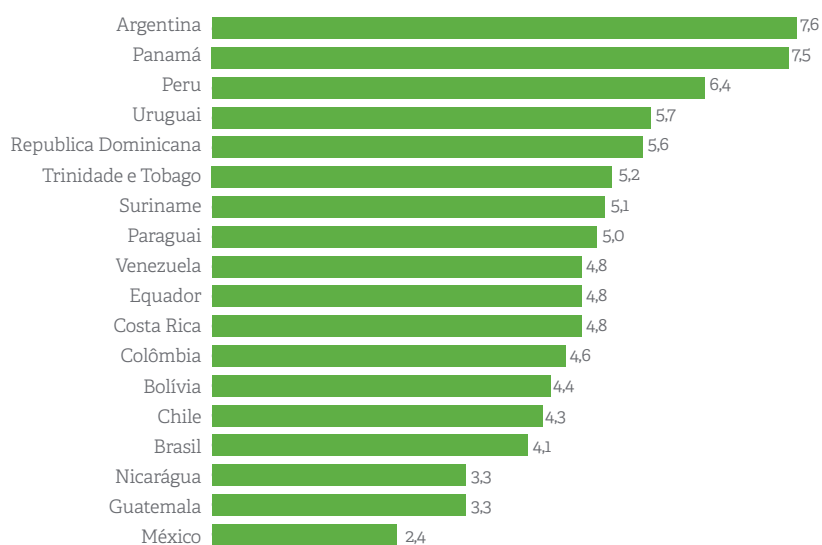
Fonte: UN comtrade

**Figura 2. Comércio de bens de ALC com a China, 2000-2014**  
(Em milhões de dólares)



Fonte: CEPAL

**Figura 3. Taxa de crescimento médio para o período 2003-2011 de países selecionados da América latina e Caraíbas**



Fonte: FMI

Os intercâmbios comerciais entre ambas as economias avançaram a um ritmo superior a 150% ao ano e multiplicaram-se 21 vezes entre 2000 e 2013, alcançando os 275 bilhões de dólares anuais. A participação da China nas exportações da região passou de 1% a 10% e, nas importações, de 2% a 16% no período indicado. Embora as relações comerciais da China com o resto do mundo também avançassem a grande velocidade, com a América Latina isto era mais acentuado, o que possibilitou que a região aumentasse sua cota comercial sobre o total do país asiático de 2,6% a 6,2%, enquanto a UE perdia de 15,3% para 13,4% e os EUA de 15,7% para 12,6%<sup>6</sup> (Figura 2).

Esta relação comercial tem um efeito imediato no crescimento econômico dos países latino-americanos. A procura por matérias-primas elevou os preços e, como consequência, os benefícios da região. Esta bonança contínua refletiu-se de imediato nos índices de crescimento latino-americano por países. Neste sentido, se por si só a média regional já é significativa, pois o ritmo neste período foi de 5,4%, é ainda mais chamativa se a compararmos com a média na OCDE, que não superou 2,3% (Figura 3).

<sup>6</sup> UN Comtrade.

A crise financeira internacional de 2008 teve seu efeito na América Latina, como se pode observar em todos os gráficos mostrados; contudo, a continuidade da procura chinesa permitiu não só que os efeitos fossem mais moderados, como também uma rápida recuperação. Assim, enquanto na OCDE, a recessão foi de 3,4%, na região latino-americana, a produção caiu 1,9 %.

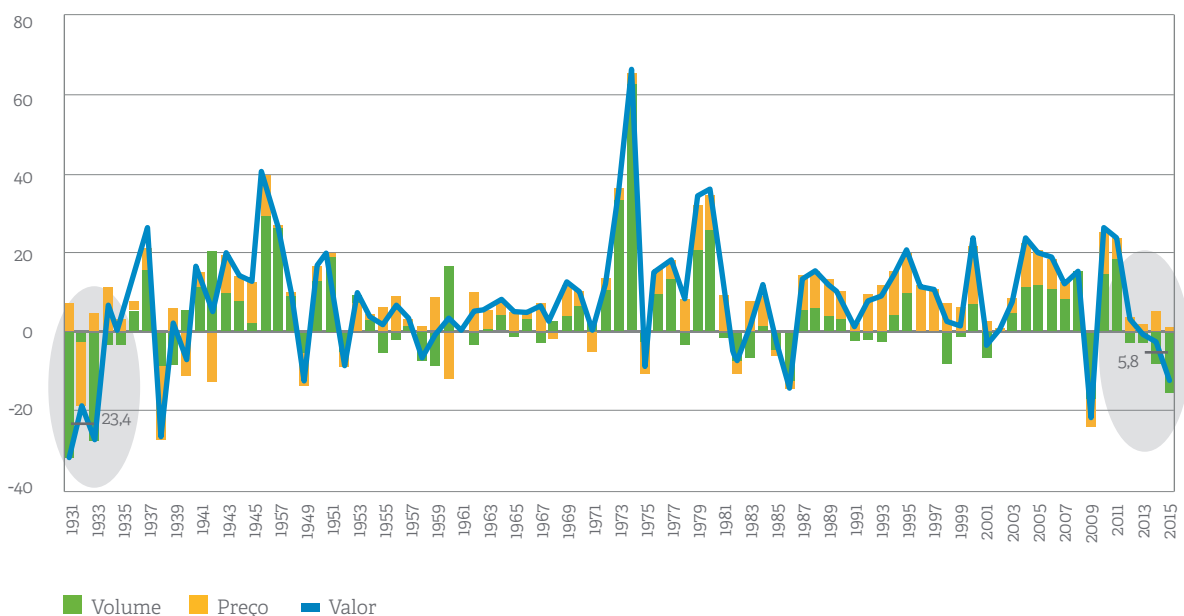
**A CRISE CONTRAPOSTA PELA “NOVA NORMALIDADE”: A QUEDA DOS PREÇOS DAS MATÉRIAS-PRIMAS**

Com efeito, enquanto a região pôde resistir ao embate da crise

mundial, pela continuidade da procura chinesa, não foi possível manter a mudança de ritmo dessa procura. Uma mudança diretamente relacionada com o novo modelo produtivo, de acordo com os pressupostos nos quais concebeu a nova normalidade.

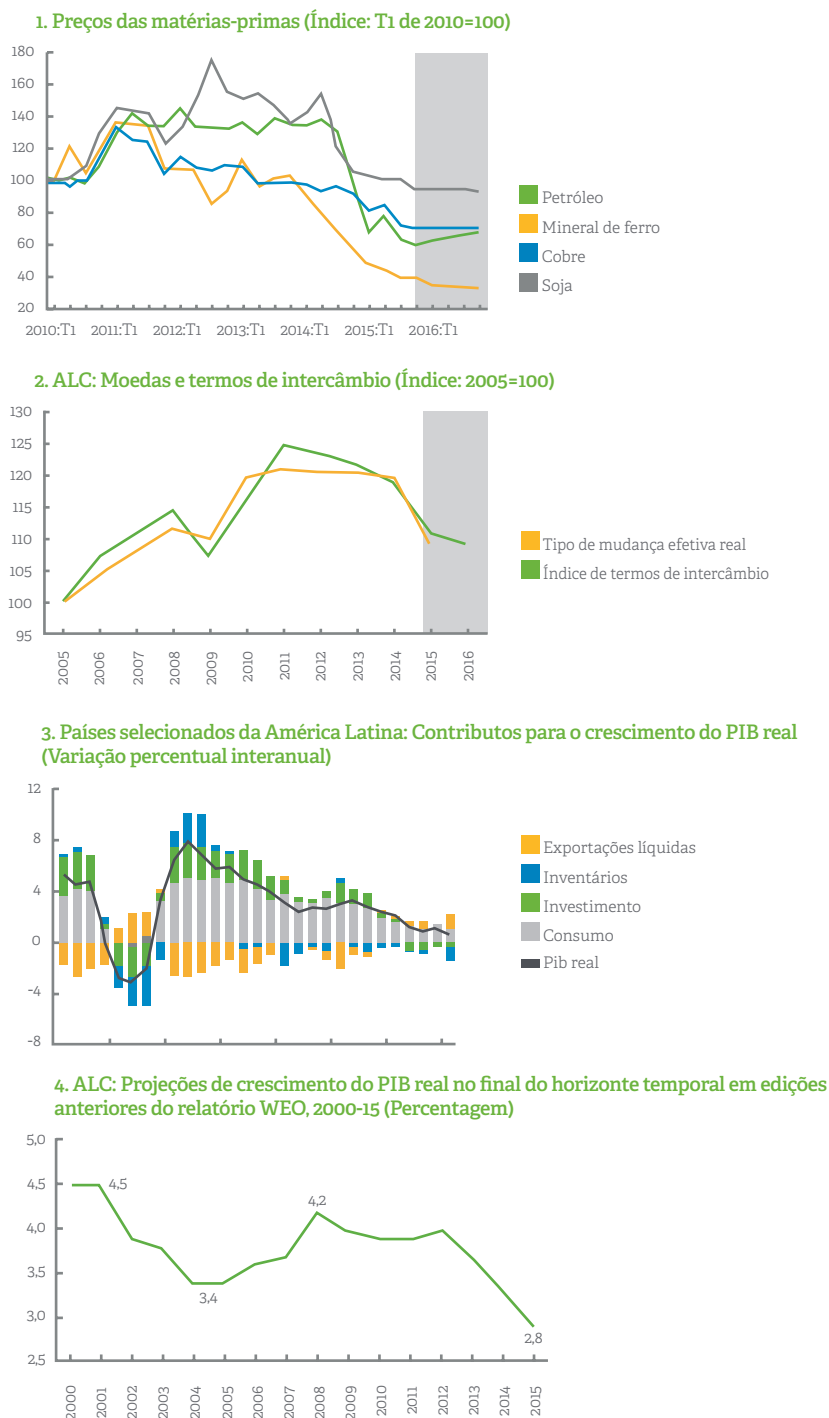
A consequência direta foi uma súbita contração da procura por matérias-primas e, portanto, pelos seus preços. Um fator que incidiu diretamente na queda contínua das exportações na região desde 2012. Como observou a CEPAL, “entre 2012 e 2015, a região tem o seu pior desempenho exportador em oito décadas”.

Figura 4. América Latina e Caraíbas: variação da taxa de crescimento das exportações em valor e volume, 1931-2015



Fonte: A CEPAL, com base na CEPAL, “América Latina: relação de preços de intercâmbio”. Cadernos Estatísticos da CEPAL, N° 1. Santiago, 1976 e dados de índices regionais.

Figura 5. Atividade econômica na América Latina e nas Caraíbas



Fonte: "Perspetivas económicas: As Américas, a ajustar sob pressão", outubro, 2015, <https://www.imf.org/external/spanish/pubs/ft/reo/2015/whd/pdf/wre01015s.pdf>

Não podia ser de outra forma: o nível de dependência da economia chinesa e de suas necessidades é um motivo transcendental, mas também a impossibilidade de encontrar uma potência que a substitua explica a dimensão do impacto que nas economias latino-americanas pode ter o novo modelo de crescimento chinês. O resto do mundo apresenta índices muito modestos de crescimento, em nenhum caso comparáveis à China. Não podemos esquecer que a economia que apresenta maior dinamismo, neste momento, é a dos Estados Unidos e está previsto que cresça este ano 2,6%. Quanto à zona euro, sua recuperação continua a ser titubeante e seu crescimento será de 1,7%, em 2016.

2015 é o quinto ano consecutivo de queda. Nos últimos anos, as economias regionais experimentaram taxas de crescimento relativamente baixas, entre 2% e 2,5% do PIB. Todos os organismos internacionais concordam em considerar "muito preocupante" a redução do crescimento em toda a região, como também declarou a ONU. De acordo com suas previsões, o produto interno bruto crescerá apenas 0,7%, ou até menos, e novamente insiste em que o motivo principal é a queda dos preços das matérias-primas e o fraco aumento do comércio. É preciso ter presente que existe o risco de todo um efeito dominó, já que a redução da procura chinesa afeta diretamente os

produtos latino-americanos, mas também indiretamente, pois a contração do comércio, alimentado pela China, afeta também a Europa e, como consequência, a procura europeia pelos produtos que adquire na América Latina<sup>7</sup>.

As previsões citadas do FMI são de outubro de 2015, e foi preciso realizar novas correções e retificar para baixo, para 2016. Assim, em janeiro, o FMI afirmou que a região prosseguiria em recessão com uma queda de 0,3%, reduzindo 1,1 ponto percentual a sua previsão anterior. A previsão agora é de 3,4, para 2016, e de 2,9%, para 2017.

<sup>7</sup> ONU, "Situação e Perspectivas da Economia Mundial, 2016".

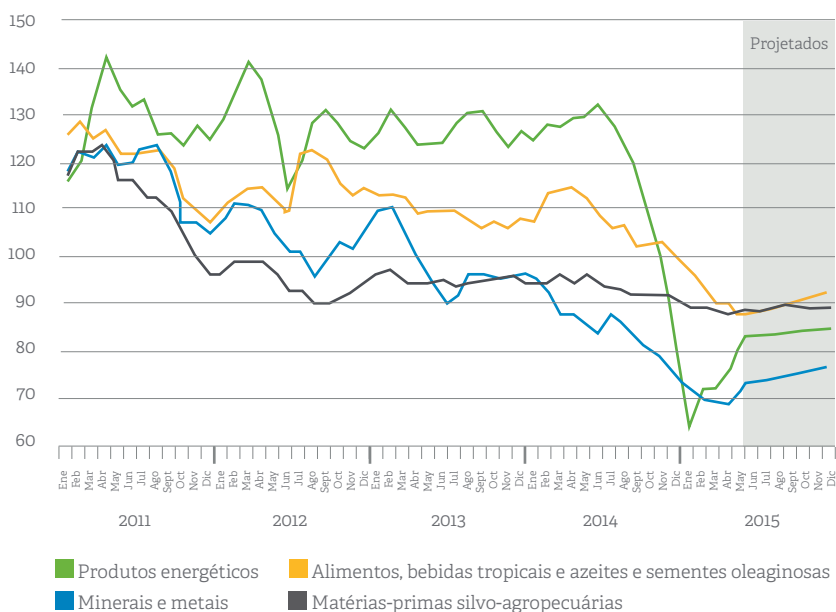
Esta correção deve-se fundamentalmente ao Brasil, cuja recessão está demonstrando ser mais complicada e profunda do que inicialmente se pensava, já que intervêm também fatores de caráter político e a incerteza gerada pelos casos de corrupção.

#### A HETEROGENEIDADE DA REGIÃO TAMBÉM SE MANIFESTA NA ATUAL CRISE

Certamente que a região enfrenta, na sua totalidade, a crise das matérias-primas, pois este modelo econômico é dominante. Todavia, é certo que dentro deste padrão existem economias com maior ou menor nível de diversificação. Um fator que, sem dúvida, as posiciona melhor para enfrentar essa crise. Da mesma forma, dependendo das commodities exportadas, haverá economias mais ou menos afetadas. Em coerência com o novo modelo econômico chinês, a queda na procura é mais acentuada em relação aos minerais ou combustíveis fósseis do que em alimentos. Também se pode verificar no seguinte gráfico, em que a queda dos preços mostra uma contração da procura maior nos minerais e combustíveis do que nos alimentos.

Isto explica a difícil situação de países exportadores de combustíveis fósseis, cujos preços estão atingindo mínimos históricos, como Venezuela, Equador, Colômbia e Bolívia. Os países mineiros, como Peru e Chile, também vão necessariamente ressentir-se com esta nova situação.

**Figura 6. América Latina: índices de preços de produtos básicos de exportação, janeiro de 2011 a maio de 2015 (Base 2010=100)**



Fonte: Comissão Econômica para América Latina e as Caraíbas (CEPAL), com base em valores oficiais.

Também os países com maior diversificação econômica, como o Brasil, enfrentarão melhor essa crise do que os países que possuem praticamente um único produto de exportação e contam com poucos produtos exportadores ou tecido industrial, como a Venezuela.

O nível de dependência da economia chinesa também explica que existam economias mais afetadas que outras. Neste sentido, a América do Sul é mais dependente deste mercado e, portanto, seus indicadores econômicos são piores que os dos países centro-americanos e o México, cujas economias dependem particularmente da procura dos Estados Unidos que, neste momento, começa a desfrutar de certa recuperação econômica. Estes e outros motivos explicam que, apesar de toda a região enfrentar uma situação complicada e adversa, nem todos os países são afetados da mesma forma. Um aspecto que se pode verificar nos dados de crescimento do PIB, onde é revelada a heterogeneidade característica da região.

#### A REPRIMARIZAÇÃO DE UMA ECONOMIA BASEADA NA PRODUÇÃO DE MATÉRIAS-PRIMAS

Não é a primeira vez que a América Latina enfrenta uma crise semelhante. Na realidade, são crises cíclicas que vive desde a segunda metade do século XIX, período em que configura seu modelo produtivo. Consciente das limitações desse modelo, também procurou modificá-lo. A proposta mais importante foi a tentativa de industrialização por substituição de importações, adotada na região após a II Guerra Mundial. Um modelo com escassos resultados que, em todo o caso, deu lugar a uma indústria financiada pelos Estados e muito pouco competitiva.

Figura 7. Últimas projeções do FMI (crescimento do PIB real, variação percentual anual)

	2013	2014	2015	2016
	EST.		PROJEÇÕES	
<b>AMÉRICA DO SUL</b>				
ARGENTINA	2,9	0,5	-0,3	0,1
BOLÍVIA	6,8	5,4	4,3	4,3
BRASIL	2,7	0,1	-1,0	1,0
CHILE	4,3	1,8	2,7	3,3
COLÔMBIA	4,9	4,6	3,4	0,1
EQUADOR	4,6	3,6	1,9	3,6
GUIANA	5,2	3,8	3,8	4,4
PARAGUAI	14,2	4,4	4,0	4,0
PERU	5,8	2,4	3,8	5,0
SURINAME	4,1	2,9	2,7	3,8
URUGUAI	4,4	3,3	2,8	2,9
VENEZUELA	1,3	-4,0	-7,0	-4,0
<b>AMÉRICA CENTRAL</b>				
BELIZE	1,5	3,4	2,0	3,0
COSTA RICA	3,4	3,5	3,8	4,4
EL SALVADOR	1,7	2,0	2,5	2,6
GUATEMALA	3,7	4,0	4,0	3,9
HONDURAS	2,8	3,1	3,3	3,4
NICARÁGUA	4,4	4,5	4,6	4,3
PANAMÁ	8,4	6,2	6,1	6,4
<b>AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS</b>	<b>2,9</b>	<b>1,3</b>	<b>0,9</b>	<b>2,0</b>

Fontes: FMI, Perspectivas da economia mundial (relatório WEO), e cálculos e projeções do pessoal técnico do FMI.

Nota: Os aglomerados regionais calculam-se como médias ponderadas pelo PIB em função da PPA, exceto se for indicado o contrário

“O desafio é transformar o modelo econômico do século XIX para enfrentar uma crise do século XXI”

Neste momento, o desafio é fundamental porque transforma o mesmo modelo econômico do século XIX para enfrentar uma crise própria do século XXI. Isto significa a necessidade de investir em conhecimento e novas tecnologias que garantam a diversificação da economia, entre outros aspectos.

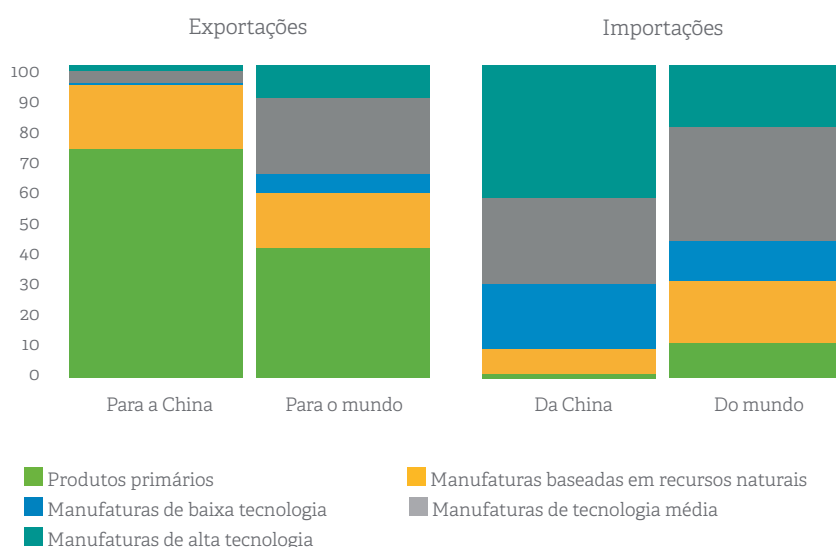
As vantagens de comercializar com a China são certamente muitas, tantas que nenhum país latino-americano, à margem da sua identidade política, resistiu a fazer negócios com o grande gigante asiático. Até as relações com este país foram instrumentalizadas politicamente, já que todos os governos, sem exceção, rentabilizaram essa relação. Para os governos que proclamam as

vantagens do mercado livre, foram assinados TLC e praticaram abertamente uma relação baseada no comércio livre. Pelo contrário, para os governos ALBA, esta relação apresenta-se como uma ruptura com as hegemonias tradicionais em vantagens comparativas.

Contudo, além do discurso político, para muitos especialistas como Margaret Myers, diretora do programa China e América Latina do centro de pensamento Diálogo Interamericano, a relação com os asiáticos traria "mais vantagens do que desvantagens para o desenvolvimento da América Latina", em assuntos como infraestrutura e tecnologia, entre outros aspectos.

Assim, além das vantagens existentes e potenciais, também ocorreram efeitos negativos como a reprimarização do modelo econômico. Desta forma, o que a curto prazo proporcionou mais benefícios, a médio e longo prazo é um autêntico retrocesso, a partir de um modelo de desenvolvimento que alguns autores chamaram de "neoestrativista". Neste modelo, a atividade econômica não se concentrou apenas na produção de matérias-primas, mas também em muito poucos produtos. Isto favoreceu a consolidação de uma relação comercial com a China, marcadamente assimétrica, superior à existente entre a América Latina e outros países com os quais também mantêm relações comerciais.

Figura 8. Exportações de ALC para o mundo e para a China por intensidade tecnológica, 2013 (Porcentagem)



Fonte: Comissão Económica para América Latina e as Caraíbas (CEPAL)

Até 2012, do total de exportações da América Latina e do Caribe para a China, 69% concentravam-se em bens primários e 24% em manufaturas baseadas em recursos naturais. As manufaturas com baixo, médio e alto conteúdo tecnológico representam apenas 2%, 3% e 2%, respectivamente. Com exceção da Costa Rica (cujas principais exportações para a China são circuitos eletrônicos), para a Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Uruguai, as exportações estão concentradas em produtos de soja, minerais ou petróleo cru, de acordo com o produto básico disponível em cada país. As importações da América Latina e Caribe provenientes da China, em 2012, concentravam-se em manufaturas com alto conteúdo tecnológico (41%); as de conteúdo tecnológico médio representam 27%<sup>8</sup>.

## 5. DIVERSIFICAÇÃO, CONHECIMENTO E INTEGRAÇÃO: CHAVES PARA A RELAÇÃO AMÉRICA LATINA/CHINA

O fato de que agora a causa de todos os males latino-americanos seja a China não significa que a região deva abandonar a sua relação com esta potência. O certo é que, embora existisse alguma vontade, neste sentido, não se pode dar a esse luxo. Não seria a opção mais realista nem a melhor. Em primeiro lugar, porque não trava, a curto prazo, uma potência que vá procurar externamente o volume de matérias-primas, como fez a China. Em segundo, porque na medida em que este modelo econômico não é sustentável, ainda no caso pressuposto de que existisse uma nova potência similar, mais tarde ou mais cedo regressaria a uma situação de crise, como

<sup>8</sup> UM estudio publicado pelo jornal mexicano El Financiero proporciona exemplos alarmantes do grau de dependência sul-americana das matérias-primas. De acordo com o diário, estes dados são de dezembro de 2014:

A Venezuela depende das matérias-primas para 98% do valor de suas exportações totais. O país não produz praticamente nada que não seja petróleo, ferro e alumínio.

O Equador depende das matérias-primas para 86% de suas exportações totais. A maior parte do que exporta é petróleo, bananas e flores.

A Colômbia depende das matérias-primas para 79% de suas exportações totais. A maior parte de suas exportações são petróleo, carvão, café, ouro e flores.

A Bolívia depende das matérias-primas, principalmente petróleo e prata, para 72% de suas exportações totais.

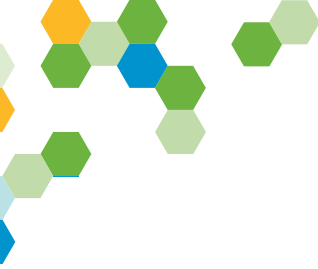
A Argentina e o Peru dependem de matérias-primas e manufaturas de origem agropecuária para 70% de suas respectivas exportações totais.

O Chile depende das matérias-primas, principalmente cobre, para 63% de suas receitas de exportação.

O Brasil depende das matérias-primas para 52% de suas exportações.

<http://www.elnuevoherald.com/opinion-es/opin-col-blogs/andres-oppenheimer-es/articulo32743806.html#storylink=cpy>





**“A mudança da procura tem de ser interpretada como uma oportunidade para se reinventarem ”**

a que está tendo lugar neste momento. Com um problema acrescentado, entretanto o resto do mundo teria avançado e a região latino-americana não o teria feito, devido às características que apresenta este modelo econômico. Definitivamente, é preciso insistir que a relação com a China não é apenas uma oportunidade, mas também é iniludível, e a América Latina deve saber aproveitá-la.

Para isso, as possibilidades de crescimento e progresso passam por uma condição *sine qua non*, o sistema de exportação de produtos primários sem valor agregado não pode continuar a subsistir na economia atual. A América Latina precisa de um sistema econômico sustentável e para isso tem de enfrentar uma mudança de caráter estrutural.

Como afirma Jorge Cachinero, “a mudança da procura do gigante chinês tem de ser interpretada pelos países da região como uma oportunidade para se reinventarem e agregarem mais valor às suas exportações. Isto poderia ser conseguido através de reformas estruturais que elevassem os atuais níveis de produtividade e competitividade. Desta forma, poderia superar-se a dependência atual de suas matérias-primas”<sup>9</sup>. Sem dúvida este desafio não é uma tarefa simples. A mesma natu-

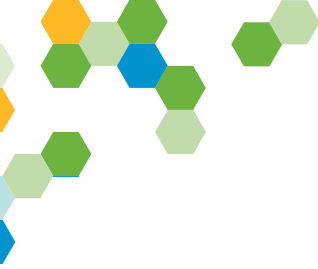
reza das mudanças determina sua complexidade e também requer grandes investimentos, embora “como acontece tantas vezes, agora não existam fundos públicos para financiá-las”<sup>10</sup>. Por este motivo, não só não é possível prescindir do mercado chinês, como também de seus investimentos, já que também são necessários para financiar essas políticas.

Para essas reformas existe absoluta concordância, tanto por organismos internacionais como por especialistas, na necessidade de desterrar definitivamente uma economia meramente extrativista e nos elementos necessários para alcançar um desenvolvimento competitivo e sustentável. O investimento em conhecimento, infraestruturas, tecnologia, segurança ambiental, eficiência energética, tudo é imprescindível para transformar o modelo econômico. Contudo, não parece tão claro em que âmbito produtivo é necessário aplicar todos estes elementos.

Talvez a chave esteja no conceito de economia circular, mais do que no âmbito produtivo em que seja preciso investir. Com efeito, deve-se implantar este conceito de economia circular com a finalidade de assegurar um melhor uso dos recursos naturais da região. Investindo nos âmbitos con-

<sup>9</sup> J. Cachinero, op. Cit.

<sup>10</sup> Federico Steinberg, “O que nos deixa o ciclo das commodities na América Latina”, 8 de fevereiro de 2016, <http://www.infolatam.com/2016/02/08/lo-que-nos-deja-el-ciclo-de-las-commodities-en-america-latina/>.



**“América Latina pode ser competitiva e desenvolver uma economia sustentável”**

templados para impedir que todos estes recursos (ouro, cobre, prata, etc.) saiam da região. O resultado não é apenas o risco de se esgotarem, mas também de não serem usados em outros setores para garantir a criação dessa economia circular, já que tudo se exporta, tal como se extrai. Neste conceito de economia trava-se um debate que não traz necessariamente muitas soluções. Neste sentido, o desafio não é, portanto, se se devem dirigir todos os esforços para a criação de um tecido industrial e levar a cabo um processo sistemático de industrialização, como se aponta com certa insistência. A chave radica em que, mais do que se é na agricultura, indústria ou serviços que se concentra a atividade econômica, se apliquem os critérios de uma economia circular alimentada através do conhecimento, da tecnologia, de infraestruturas, etc., que permitam tornar sustentável qualquer atividade econômica.

De acordo com esta abordagem, as mudanças a introduzir não significam necessariamente a transformação da matriz produtiva, mas sim sua reforma. Isto significa que a América Latina pode ser competitiva e desenvolver uma economia sustentável, mantendo até economias eminentemente agrícolas ou mineiras. Contudo, seja qual for a atividade econômica, é preciso dar valor agregado aos produtos e garantir margens de diversificação, pelo que o conhecimento, a tecnologia e a qualificação da mão de obra são fundamentais.

Diversificar produtos e mercados de exportação e dar maior valor agregado às vendas no exterior é uma tarefa fundamental. Com estes critérios, é preciso analisar o mercado internacional e desenvolver a atividade produtiva solicitada por esse mercado. Em relação à China, a produção agrícola, nos critérios em questão, pode ser uma magnífica alternativa.

É preciso ter em conta que a China apenas possui 7% de terras cultiváveis e 6% dos recursos hídricos do mundo para alimentar 22% da população mundial. Como consequência, a agricultura e a agroindústria são mercados cheios de oportunidades para a região latino-americana. São maximizados se tivermos em conta a transformação não só econômica, mas também social que está tendo lugar na China. O mesmo desenvolvimento do país está aumentando, de maneira acelerada, a população urbana e a classe média. Um processo social que é acompanhado de mudanças nos hábitos alimentares. Como já se manifesta, detecta-se uma mudança nas exigências dos novos consumidores, traduzidas na diversificação da alimentação e na sua qualidade. Por este motivo, verifica-se um aumento da procura de proteínas, de alimentos processados, maiores exigências de qualidade e propriedades especiais.

**“Trata-se de  
impulsionar na  
América Latina  
um novo modelo  
produtivo”**

O setor dos serviços é outro âmbito de grandes oportunidades que a região também não pode desaproveitar, como o turismo, já que milhões de chineses também estão mudando sua forma de lazer, graças à sua nova condição de classe média.

De acordo com este novo mercado e suas inúmeras oportunidades, é preciso entender a transformação econômica que tanto pode ocorrer sem mudar a matriz produtiva, mas assegurando a diversificação, a agregação de valor e o processamento de produtos agrícolas, para o que será preciso conhecimento, tecnologia, infraestrutura produtiva, transporte e logística.

Outro dos aspectos principais neste sentido, como reconhece a própria Secretária Executiva da CEPAL, Alicia Barcena, é a integração regional, pois essa integração multiplica as possibilidades de aumentar mercados e proporciona capacidade negociadora à região, neste caso perante a China..

## **6. QUE PAPEL TEM A CHINA NA TRANSFORMAÇÃO DO MODELO PRODUTIVO?**

Se, como já se afirmou, a América Latina não pode prescindir da China, nem neste momento, nem no futuro, por sua vez, a China também não mostrou intenção de abandonar as relações com a região.

Não obstante, haveria que pensar no seu nível de complementaridade. Se até agora era muito alto, na medida em que mudou a sua procura, haveria que pensar se a China seria, então, o melhor cliente. O certo é que, se a América Latina necessita também da China, neste momento, é fundamentalmente para impulsionar uma mudança em seu modelo produtivo e, certamente, até agora, os interesses chineses não contribuíram demasiado nesse sentido. A assimetria no intercâmbio comercial e a concentração dos investimentos chineses fundamentalmente em explorações mineiras ou infraestruturas pensadas mais nos interesses chineses não favoreceram a mudança necessária.

Trata-se, assim, de tentar modificar os termos da relação comercial e investidora chinesa para impulsionar na América Latina um novo modelo produtivo. Não pode ser desaproveitada a experiência acumulada após os anos de bonança: “O que aprendemos até agora é que o comércio mundial ou o recebimento de investimentos estrangeiros diretos não são suficientes. É preciso fazer mais para aproveitar plenamente esse comércio e investimento”<sup>11</sup>. Esse aproveitamento passa necessariamente pelo fato de a relação entre a América Latina e a China ser “mais simétrica”.

<sup>11</sup> Declarações de Augusto de la Torre, economista-chefe do Banco Mundial para a região.

Com esta nova relação seria favorecido “um modelo que seja mais competitivo, de inserção em cadeias globais com mais valor agregado, mais tecnologia, mais inovação e criação de emprego de melhor qualidade”, como declarou Enrique García, Presidente do Banco de Desenvolvimento de América Latina (CAF)<sup>12</sup>.

De momento, o interesse da China pela região está mais do que demonstrado e não parece em absoluto que vá desaparecer. Para a CEPAL, existem cinco marcos que consolidaram os vínculos entre ambos e que demonstram o interesse da China. O primeiro foi o Livro Branco sobre as relações com a região, que apareceu em novembro de 2008. Um segundo marco foi a proposta de reforço das relações políticas, econômicas e de cooperação que o então primeiro-ministro Wen Jiabao colocou à região em junho de 2012. Um terceiro marco é constituído pela proposta de um ambicioso marco de cooperação para o período 2015-2019, conhecido como “1+3+6” e apresentado em julho de 2014 pelo presidente Xi Jinping, no âmbito da primeira Reunião de Cúpula da América Latina e Caribe/China, celebrada em Brasília. Um quarto marco foi a aprovação do já mencionado Plano de Cooperação 2015-2019 entre os estados membros da CELAC e a China. O quinto marco é a

visita do primeiro-ministro Li Keqiang ao Brasil, Chile, Colômbia e Peru, em 2015.

Estes marcos não só demonstram este interesse, como também, ao examinar o conteúdo de declarações e de documentos, se detecta uma vontade explícita da China de contribuir, com estes planos de cooperação, para mudar o modelo econômico latino-americano para a orientação que se deseja na região, um aspecto transcendental para que se possa realizar essa mudança. Neste sentido, existe uma intenção explícita e reiterada de contribuir para reverter a preocupante reprimarização exportadora da região, através do apoio para melhorar a produtividade, a inovação, a infraestrutura, a logística e a formação, assim como a capacitação de recursos humanos.

É preciso insistir na dupla oportunidade histórica que a China oferece à América Latina, caso se concretize, já que suas autoridades se ofereceram para aumentar os fluxos de investimento e diversificá-los. Este investimento deveria dirigir-se para a infraestrutura, logística e conectividade, pois com isso não apenas seria possível redefinir as relações comerciais com a China, como também estimular um comércio intrarregional e a geração de cadeias regionais de valor.

<sup>12</sup> Presidente da CAF: A América Latina e a China devem procurar relação mais simétrica, 5 de maio de 2014,

[http://www.7dias.com.do/economia/2015/05/14/i188441\\_presidente-caf-america-latina-china-deven-buscar-relacion-mas-simetrica.html#.Vrs4WVjhDIU](http://www.7dias.com.do/economia/2015/05/14/i188441_presidente-caf-america-latina-china-deven-buscar-relacion-mas-simetrica.html#.Vrs4WVjhDIU)

Contudo, esta possibilidade não depende só da China, pois, na verdade, a principal responsabilidade recai na América Latina. É preciso que, na região, se tomem iniciativas e criem propostas para dirigir estes investimentos, com a finalidade de conseguir que ainda sejam interessantes para a China, e também que se revertam no desenvolvimento latino-americano. Não é uma tarefa fácil. É preciso pensar quais as iniciativas que devem ser formuladas, como realizar essas propostas e como canalizá-las. Isso exige objetivos claros sobre o modelo

de desenvolvimento, coordenação multilateral interna latino-americana e acordos prévios entre os próprios governos latino-americanos.

Todas estas questões não estão claras nem asseguradas. A heterogeneidade de critérios e os pressupostos nacionalistas foram um empecilho para muitas oportunidades de desenvolvimento na região. Se, de novo, este for um dos motivos para não poder aproveitar a oportunidade chinesa, apenas será responsabilidade da América Latina.

# LLORENTE & CUENCA

## DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente  
Sócio Fundador e Presidente  
jalloriente@llorenteycuenca.com

Enrique González  
Sócio e CFO  
egonzalez@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo  
Sócio e Diretor Geral Corporativo  
de Talento, Organização e Inovação  
acorujo@llorenteycuenca.com

## DIREÇÃO ESPANHA E PORTUGAL

Arturo Pinedo  
Sócio e Diretor Geral  
apinedo@llorenteycuenca.com

Goyo Panadero  
Sócio e Diretor Geral  
gpanadero@llorenteycuenca.com

## DIREÇÃO AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero  
Sócio e CEO América Latina  
aromero@llorenteycuenca.com

Luisa García  
Sócia e CEO Região Andina  
lgarcia@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo  
Sócio e CFO América Latina  
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

## RECURSOS HUMANOS

Daniel Moreno  
Gerente de RH  
para Espanha e Portugal  
dmoreno@llorenteycuenca.com

Marjorie Barrientos  
Gerente de RH  
para Região Andina  
mbarrientos@llorenteycuenca.com

Karina Valencia  
Gerente de RH  
para América do Norte,  
Centroamérica e Caraíbas  
kvalencia@llorenteycuenca.com

Karina Sanches  
Gerente de RH  
para Cone Sul  
ksanches@llorenteycuenca.com

## *Cink.*

Sergio Cortés  
Sócio, Fundador e Presidente  
da Cink  
scortes@cink.es

Calle Girona, 52 Bajos  
08009 Barcelona  
Tel. +34 93 348 84 28

## ESPAÑA E PORTUGAL

### Barcelona

María Cura  
Sócia e Diretora Geral  
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª  
08021 Barcelona  
Tel. +34 93 217 22 17

### Madrid

Joan Navarro  
Sócio e Vice-presidente  
de Assuntos Públicos  
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla  
Sócio e Diretor Sênior  
amoratalla@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3  
28001 Madrid  
Tel. +34 91 563 77 22

Ana Folgueira  
Diretora Geral  
de Impossible Tellers  
ana@impossibletellers.com

Impossible Tellers  
Diego de León, 22, 3º izq  
28006 Madrid  
Tel. +34 91 438 42 95

### Lisboa

Madalena Martins  
Sócia  
mmartins@llorenteycuenca.com

Tiago Vidal  
Diretor geral  
tvidal@llorenteycuenca.com

Carlos Ruiz  
Diretor  
cruiz@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.  
1250-142 Lisboa  
Tel. + 351 21 923 97 00

## ESTADOS UNIDOS

### Miami

Erich de la Fuente  
Sócio e Diretor Geral  
edelafuente@llorenteycuenca.com

600 Brickell Ave.  
Suite 2020  
Miami, FL 33131  
Tel. +1 786 590 1000

## MÉXICO, CENTROAMÉRICA E CARAÍBAS

### Cidade do México

Juan Rivera  
Sócio e Diretor Geral  
jrivera@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,  
Col. Juárez, Del. Cuauhtémoc  
CP 06600, Cidade do México  
Tel. +52 55 5257 1084

### Panamá

Javier Rosado  
Sócio e Diretor Geral  
jrosado@llorenteycuenca.com

Av. Samuel Lewis  
Edifício Omega - piso 6  
Tel. +507 206 5200

### Santo Domingo

Iban Campo  
Diretor Geral  
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069  
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7  
Tel. +1 809 6161975

## REGIÃO ANDINA

### Bogotá

María Esteve  
Diretora geral  
mesteve@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B – of. 501  
Tel. +57 1 7438000

### Lima

Luisa García  
Socia y CEO Región Andina  
lgarcia@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7  
San Isidro  
Tel. +51 1 2229491

### Quito

Alejandra Rivas  
Diretora geral  
arivas@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y  
Cordero – Edifício World Trade  
Center – Torre B - piso 11  
Tel. +593 2 2565820

### Santiago de Chile

Claudio Ramírez  
Sócio e Gerente Geral  
cramirez@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801.  
Las Condes.  
Tel. +56 22 207 32 00

## AMÉRICA DO SUL

### Buenos Aires

Pablo Abiad  
Sócio e Diretor Geral  
pabiad@llorenteycuenca.com

Daniel Valli  
Diretor Sênior de Desenvolvimento  
de Negócios Cone Sul  
dvalli@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP  
Tel. +54 11 5556 0700

### Rio de Janeiro

Yeray Carretero  
Diretor Executivo  
ycarretero@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - Sala 1801  
RJ - 20011-000  
Tel. +55 21 3797 6400

### São Paulo

Marco Antonio Sabino  
Sócio e Presidente Brasil  
masabino@llorenteycuenca.com

Juan Carlos Gozzer  
Diretor geral  
jcozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111,  
Cerqueira César SP - 01426-001  
Tel. +55 11 3060 3390



## **d+i** desenvolvendo ideias

LLORENTE & CUENCA

**Desenvolvendo Ideias** é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

**Desenvolvendo Ideias** é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

**Desenvolvendo Ideias** é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe

**Desenvolvendo Ideias.**

[www.desarrollando-ideas.com](http://www.desarrollando-ideas.com)

[www.revista-uno.com](http://www.revista-uno.com)